

ENTREVISTA / ARNALDO BERNARDINO

Paula Bittar

“Só podem ser incompetentes”

Após um ano e quatro meses como secretário de Saúde do DF, Arnaldo Bernardino demonstra sinais de cansaço e irritação com o Ministério da Saúde (MS), que implantou uma força-tarefa, junto ao Ministério Público Federal (MPF) e Ministério Pùblico do DF (MPDF), Tribunal de Contas da União (TCU) e Tribunal de Contas do DF (TCDF), formada por 56 equipes de auditores para investigar a Secretaria de Saúde. “Eles agora querem continuar o trabalho por mais esse ano. Só podem ser incompetentes”, indignou-se Bernardino, em entrevista concedida ao Jornal do Brasil.

O secretário também não está satisfeito com a atuação do Ministério Pùblico do DF. Segundo ele, os procuradores, os quais chama de “dissimulados”, estariam enviando todo tipo de acusação à imprensa, antes mesmo de notificá-lo. Para evitar que isso continue acontecendo, ajuizou ação contra o MP.

Bernardino fala ainda dos projetos da secretaria para esse ano, que incluem a construção de quatro novos hospitais e a contratação de 480 servidores. Discute também questões polêmicas que têm envolvido a Secretaria de Saúde no último mês, como a briga com o Conselho Regional de Medicina (CRM), e os furtos de remédios ocorridos no Hospital de Base de Brasília (HBB), praticados pelos próprios funcionários.



Fotos: Monique Renne

- Quais são os principais projetos da secretaria para esse ano?

- Vamos construir 100 unidades básicas de saúde. Já temos oito prontas, estamos com mais 12 em processo de inauguração e, até 2006, teremos 100 novas unidades de saúde. Montamos, entre prontas e entrando em funcionamento, oito policlínicas de odontologia, que vão atender pacientes de todas as idades. E estamos reequipando o Hospital Regional de Taguatinga, para transformá-lo num Hospital de Base de Taguatinga. Criamos, ainda, o projeto *Cuidar Sempre*, que deve ser lançado no máximo em duas semanas, para cuidados paliativos. Vamos abrir pontos do Distrito Federal, como por exemplo Ceilândia, Taguatinga, Sobradinho e Hospital de Base para esses cuidados. Vai ter uma assistente social, uma psicóloga, uma enfermeira e um médico treinados para isso.

com 210 leitos, e nos três primeiros meses desse ano já atendemos 40 mil pessoas, só na emergência. Quando os três hospitais que vamos construir estiverem prontos, não temos mais para onde crescer.

- Ao pedirem a intervenção na Saúde do DF no ano passado, os procuradores concluíram que o GDF teria perdido o controle da gestão do sistema de saúde pública local, e não teria mais condições de continuar a administrar, seja no plano de gestão financeiro-orçamentário, ou no plano administrativo. O que nos permitiria concluir o contrário?

- Eles vivem pedindo intervenção na Saúde do DF. Só não pediram na minha casa porque lá quem manda é a minha mulher. Minha mãe me ensinou que quem tem a boca porca diz o que quer.

- Como o senhor avalia o papel da força-tarefa do Ministério da Saúde, que investigou a Saúde do DF no ano passado?

- O Ministério da Saúde colocou 56 equipes para fiscalizar o destino do dinheiro que mandam para a Secretaria. Agora, eles estão querendo ressuscitar a força-tarefa, para continuar o trabalho este ano. Só podem ser um bando de incompetentes. Porque é um absurdo 56 equipes passarem o ano inteiro numa secretaria desse tamanho e não concluir os trabalhos. A impressão é que não querem apresentar resultados. O que eles fazem é entregar um relatório da auditoria, mesmo que não concluído, ao Ministério Pùblico, que passa à imprensa mesmo antes de nos notificar.

- O senhor se sente perseguido pelo Ministério Pùblico?

Se é perseguição, se é para atrapalhar, se é papel deles, se é porque não sabem fazer outra coisa, porque não têm Deus no coração, ou porque são movidos por ações políticas, não sei dizer. Só sei que não é para ajudar, porque muito ajuda quem não atrapalha. O engraçado é que todas essas ações começaram de 1999. A impressão que eu tenho é que de 98 para trás não existia Secretaria de Saúde. O que ocorreu entre 94 e 98 no DF que o Ministério Pùblico não precisa investigar? Eles são dissimulados, mestres em saber boicotar. Nós ajuizamos uma ação contra eles pedindo o direito de ser notificado antes, de ter o direito de se explicar, e não ter de saber pela imprensa.

- Como estão suas relações com o Conselho Regional de Medicina (CRM), depois do episódio

em que o conselho foi proibido de fiscalizar a Farmácia Central?

- O CRM só pode atuar quando interferir no bom exercício da Medicina. Ele sempre teve acesso a nossas unidades de saúde. Farmácia tem de ser fiscalizada por farmacêutico ou por inspetor da Vigilância Sanitária. O CRM tem de visitar hospitais. Isso tudo é palanque, todo mundo quer tirar proveito.

- Em setembro de 2002, o juiz da 6ª Vara da Fazenda Pública do DF, determinou ao governo que fornecesse os recursos financeiros para o custeio dos medicamentos de alto custo necessários à quimioterapia no Hospital de Base do Distrito Federal e também para o custeio dos reparos necessários e/ou aquisição de aparelhos de radioterapia para aquele hospital. Isso foi feito?

- Não tem ninguém no DF esperando na fila para fazer quimioterapia. Com relação à radioterapia, nós temos os aparelhos necessários para o tratamento de 780 dos 900 pacientes com câncer que precisam do tratamento. Os outros 120 precisam de um aparelho chamado acelerador linear, para os casos viscerais. O nosso acelerador linear foi condenado pela Siemens em 2002, não tinha mais como ser consertado. Ele quebrou 84 vezes de 95 a 2002. Em novembro do ano passado o governador Joaquim Roriz comprou um desses aparelhos e dentro de 60 dias teremos um acelerador linear novo.

- Por que Aluísio Toscano deixou a direção do Hospital de Base? Deixou o cargo se dizendo cansado da guerra no HBB. Existe uma disputa política na Secretaria de Saúde?

- Desconheço qualquer tipo de briga. Desde dezembro, ele me pediu para completar cinco anos na direção e depois entregou o cargo a mim. A prova de que não há briga é que ele veio trabalhar comigo, como assessor médico do gabinete. Talvez ele estivesse cansado da guerra que é ser gestor público e ter de ouvir calúnias e difamação.

- José Carlos Quináglio assumiu prometendo mudanças na filosofia do hospital. O que está sendo feito?

- Ele está modificando o hospital, revolucionando o HBB. Tem que atender apenas os casos terciários e quaternários. Por isso, estamos preparando o Hospital do Paranoá para receber os pacientes do HBB, e preparando o plano diretor, para colocar cada serviço no seu melhor local.

- O diretor do HBB também parece estar querendo moralizar o hospital, ao tentar coibir os furtos de medicamentos feitos pelos próprios funcionários.

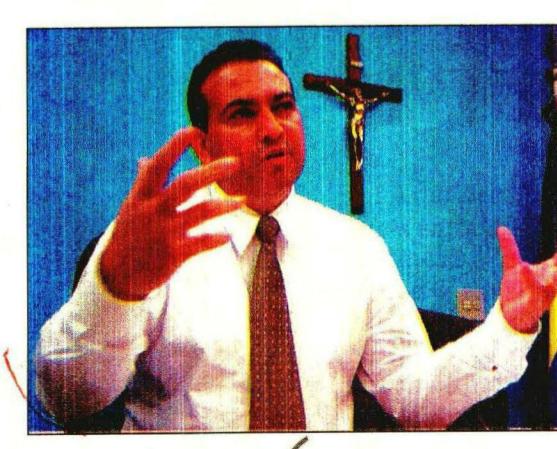
Esses furtos são um absurdo. Só em uma tirada, foi um prejuízo de R\$ 320 mil. Mas esse furto vêm acontecendo em vários outros hospitais também, e a polícia já está atuando. Só não digo os nomes dos hospitais agora para não atrapalhar as investigações.

- Como a Saúde do DF, considerada prioridade pelo governador Roriz, ainda convive mesmo com todo o investimento feito, com a carência de insumos básicos para o atendimento à população, como a falta de gesso no HBB, como foi registrado ano passado?

- No caso da falta de gesso, bastava ligar para outro hospital e pedir, que a Farmácia Central repunha no dia seguinte. Temos falta de remédios, mas porque há consumo excessivo, má utilização, desvios, muitos pacientes, atrasos na entrega. Temos muitos problemas, mas somos a melhor Saúde do país. Até hoje ninguém morreu por falta de atendimento na rede pública.



As ações começam em 99. A impressão é que de 98 para trás não existia Secretaria de Saúde. O que ocorreu entre 94 e 98 que o Ministério Pùblico não precisa investigar?



Quando os três hospitais que vamos construir estiverem prontos, não temos mais para onde crescer.

- Por enquanto é o GDF que está bancando tudo?

- Sim. Todo o dinheiro, a reforma das unidades de saúde, o salário da equipe que já está trabalhando vêm do GDF. A previsão é de R\$ 52 milhões por ano.

- Um dos vilões da Saúde no DF é a pressão exercida pelos moradores do Entorno. Em 2003, 51% dos moradores do Entorno utilizaram os hospitais do DF e 20% os postos de Saúde. Como o GDF pretende resolver essa questão?

- Só com um milagre. A curto e a médio prazo não tem solução. Imagine um sistema num estado-município que tem 2 milhões de habitantes, em que 400 mil pessoas são usuárias de planos de saúde. E nós atendemos 4 milhões, fazemos 6 milhões de consultas por ano. Enquanto os gestores públicos não tiverem a consciência de criar Saúde em seu município, ao invés de comprar uma ambulância para levar ao local mais próximo que tenha saúde de qualidade, não tem solução. O GDF não tem mais para onde crescer. Ano passado abrimos o Hospital de Samambaia

’